

DA ITÁLIA CHEGADA

Capri, setembro —
Meu caro Alberto Cavalcanti —
Aniello Mariniello anda agora por Ischia, fazendo um serviço lá; ainda não o vi. Mas quando meu carro aberto chegou à pracinha de Anacapri, na noite quente, depois de galgar a montanha — mas eu preciso dizer que era domingo, e que eu viera de Roma e dera uma volta por Nápoles, e fôra a Pompéia e vagabundara por Castelmare e por Sorrento, e que do vaporeto a tarde de que ia morrer era linda demais, com o violeta nas montanhas sobre o mar azul e verde, e um verde lívido, de oliveiras, e longe um rosa, e logo depois, ali mesmo, um cinza leve que se azulava — a tarde sobre o mar era bela demais e morreu cansada de sua própria glória e eu também estava cansado de um dia de beleza — mas quando chegamos à pracinha e o chofer gritou o nome de Aniello Mariniello, quem surgiu foi uma menina de 13 anos. Disse que era sua filha; perguntou se eu era o homem que ia ficar na casa do Cavalcanti; que sua mãe já estava lá me esperando. E lançou-se sobre a minha bagagem num grande transporte de alegria. Duas ou três amigas suas aderiram, e toda a pracinha me olhou vestido absurdamente de azul marinho na noite alegre e quente. Foi preciso que o chofer parasse ali mesmo. Uma das meninas agarrou minha máquina de escrever, outra a maleta de mão; a filha de Aniello pegou a mala maior. Todos meus protestos foram em vão; mais três ou quatro meninas seguiram o bando que despencou célere pelos becos escuros, como se a minha chegada fôsse uma grande festa.

— Mas é perto?
— E' aqui mesmo!

E tome de descer ladeiras curvas entre estranhas casas brancas e cúbicas, na escuridão. A menina, que não deve ter mais de 13 anos, mal podia com o peso da mala. Quis tomá-la, sem resultado. fãmos todos a correr. Perguntei à filha de Aniello Mariniello como era seu nome.

— Maria!

Esse entusiasmo insensato que certos italianos empregam na coisa mais simples, essa força de vida que salta à tóa, em uma palavra, em um gesto. Mas a menina já andava mal, trocava a mala de uma para outra mão. Detive-a, insisti com energia para pegar a mala. Não, não! Escapou com a mala na mão. E eu senti que não poderia insistir mais, seria estúpido: carregar aquela mala era um ponto de honra da menina Maria Mariniello, filha e neta de Anacapri; ela sentiria vergonha se o estrangeiro a visse fraquejar.

Depois dona Carmelina me abriu a porta — e apesar de já ser tarde quis me arranjar uma comida. Não aceitei: saí sozinho pelas vielas escuras; e no beco mais estreito descobri o "Grottino", onde os camponeses encharcados de vinho falavam em sua língua rude. A minestra continua forte, e a carne boa, Cavalcanti; e o vinho branco de Sorrento me fez um bem indisível depois da cansaça imensa do dia. Concettina manda-lhe lembranças. Seu marido, Battista, não manda nada; êle morreu em abril do ano passado. Concettina me disse isso com uma tristeza tão tranqüila que não chegava a ser triste. Ela trabalha muito e o corpo talvez esteja meio desleixado; mas ainda é tão nova, e lhe digo, Cavalcanti, que ficou bonita assim de luto, toda de preto, com a cara e os braços tão alvos. "Também gosta de um vermute, como o signor Cavalcanti?"
Eu não podia dizer que não.

3/10/51 R. B.

541